Zuleika de Souza/CB/Reprodução



Carlos Lacerda em comício em Marília, São Paulo em 21 de março de 1964: agitação que precedeu ao golpe militar

Mário Magalhães fala hoje no projeto Diálogos Contemporâneos sobre a biografia de um dos mais polêmicos, explosivos e fascinantes personagens da história brasileira

Carlos Lacerda de corpo inteiro

» SEVERINO FRANCISCO

Mário Magalhães é filho de um pai antilacerdista e genro de um sogro ex-deputado lacerdista, segundo o jornalista-escritor, ambos adoráveis. Não poderia haver personagem mais contraditório, polêmico, brilhante e explosivo do que Carlos Lacerda, jornalista, escritor e político, capaz de inspirar sentimentos tão antagônicos. Era (e é) amado ou odiado. Ele teve participação decisiva em alguns dos acontecimentos mais importantes do Brasil no século 20. Comunista, anticomunista, direitista, golpista e líder da resistência democrática, Lacerda deu guinadas políticas desconcertantes ao longo da vida. São os fios dessas facetas controvertidas que Mario Magalhães tece na biografia* Coração de tempestade (1914-1955) Vol. I *(Cia das Letras). Mário fala sobre a personalidade paradoxal de Carlos Lacerda, hoje, às 19h, no Cine Cultura (Liberty Mall), no projeto Diálogos Contemporâneos, que prossegue até o dia 28. "Quem não conhece a história de Carlos Lacerda não entende o Brasil do passado nem o de hoje. O obscurantismo tenta apagar Carlos Lacerda da história do Brasil", afirma Mário Magalhães.

Em que medida a biografia de Carlos Lacerda ajuda a entender parte importante da história do Brasil? De que maneira ele interferiu nos acontecimentos?

Quem não conhece a história de Carlos Lacerda não entende nem o Brasil do passado, nem o de hoje. Da década de 1930, quando surgiu como o jovem comunista de maior projeção no país, até dezembro de 1968, quando o AI-5 da ditadura o expulsou da vida pública, Lacerda influenciou profundamente os caminhos nacionais. Foi do comunismo ao anticomunismo e o macarthismo, até se aliar ao Partido Comunista Brasileiro e os ex-inimigos Juscelino Kubitschek e João Goulart na Frente Ampla (1966-68). Teve papel importante na queda de três presidentes, Getúlio Vargas (que se suicidou), Jânio Quadros (que renunciou, tentando dar um golpe) e João Goulart (deposto pelo golpe do qual Lacerda participou). Ao mesmo tempo, jamais exerceu um minuto sequer de cargo público oriundo de golpes – foi vereador no Rio, deputado federal e governador do antigo Estado da Guanabara. Getúlio Vargas, por seu turno, chefiou o Executivo por 18 anos e meio, dos quais apenas três anos e meio com a legitimidade do voto popular. Descobri que, nos governos de Getúlio, Lacerda foi preso nove vezes. Não se conta com sinceridade a história do jornalismo brasileiro esquecendo Lacerda. Nem a da arte e da cultura. Ele foi jornalista (de repórter a diretor de jornal), escritor (ensaísta, articulista, contista, cronista, novelista, poeta, memorialista), tradutor, editor de livros, dramaturgo, homem de rádio e TV, panfletário, o maior orador da República (segundo boa parte dos contemporâneos, tanto os amigos quanto os inimigos), banqueiro, dono de empresa de mineração — e muito mais coisas. Dizia que não podia parar para não ser engolido pelo Cão Negro, expressão consagrada por Winston Churchill para se referir à depressão. Desde a juventude Lacerda sofreu com essa doença. Ele deixou de exemplos virtuosos a nefastos, embora eu não o julgue no livro, assim como não sou seu advogado nem detrator. Sua luta pela democracia, contra a ditadura do Estado Novo, é inspiradora para quem defende a liberdade. Assim como sua defesa da união de ex-oponentes contra um mal maior, a ditadura partida em 1964. Já o seu golpismo foi desastroso para o projeto de uma sociedade democrática. Ninguém pode acusá-lo, porém, de não ser sincero sobre seus pensamentos e propósitos. Em 1955, empenhado numa alucinante campanha golpista para impedir as candidaturas e a posse dos candidatos JK (a presidente) e Jango (vice), ele defendeu abertamente o golpe de Estado. Até mesmo em debates de TV, confrontando um ex-amigo de juventude, o criminalista Evandro Lins e Silva.

O que levou Lacerda a ser comunista, anticomunista e integrante de uma frente de resistência à ditadura?

Ele e suas circunstâncias. Nascido em 1914, Lacerda se tornou adolescente num tempo de ocaso do liberalismo e de ascensão dos extremos, o fascismo e o nazismo à direita, e o comunismo à esquerda. Era filho de um deputado socialista e sobrinho de dois dirigentes que ocuparam o posto máximo do PCB. Ganhou aos 13 anos um exemplar de *O ABC do comunismo*, de coautoria do bolchevique Nikolai Bukharin. Lacerda foi "expulso" do PCB em 1939, acusado de entregar camaradas à polícia da ditadura. Com base em documentos inéditos que descobri no Brasil e na Rússia (os velhos arquivos da Internacional Comunista), consegui reconstituir a verdade sobre a dita "expulsão". Mas Lacerda continuou se considerando comunista até 1945, quando não aceitou a recusa do PCB e de seu dirigente máximo, Luiz Carlos Prestes, a integrar uma frente eleitoral contra o candidato oriundo da ditadura do Estado Novo.

Questionado sobre a Frente Ampla, e sua associação com antigos adversários, Lacerda afirmava que, se em nome do interesse público podia brigar, em nome do mesmo interesse também podia fazer as pazes. Como eu digo, ele cambalhota na história.

Como Lacerda se tornou um jornalista e um político tão culto?

Porque ele aproveitou as chances de quem nasceu num ambiente de elite intelectual, embora não financeira. Seu avô paterno, Sebastião de Lacerda, era ministro do STF. O pai, deputado. O avô ensaiava a apresentação dos seus votos no tribunal lendo-os na véspera ao neto Carlos, que pouco entendia do que ouvia, mas se fascinava. Seu pai, Maurício de Lacerda, era conhecido como Tribuno do Povo, devido ao grande talento oratório e à defesa das causas dos trabalhadores. Lacerda cresceu cercado por livros. Sua biblioteca privada, comprada pela UnB depois de sua morte, tinha 17.036 volumes. Até na prisão política, onde fez um curso intensivo de inglês, Carlos Lacerda acumulou os conhecimentos que o marcariam como homem de arsenal cultural muito acima da média de jornalistas e políticos. Conto no livro, em pormenores, sua formação.

Juscelino afirma que, em determinado momento, Lacerda apoiou a construção de Brasília na certeza de que JK não conseguiria construir a cidade no tempo previsto e seria um fiasco. O que animava a visão de Lacerda sobre Brasília?

Lacerda considerava que um objetivo decisivo da transferência da capital para Brasília era afastar do povo os Poderes da República. E também tinha consciência da implicação da mudança para o peso político do Rio, sua cidade, que decairia. Curiosamente, os cariocas só tiveram o direito de escolher pela primeira vez seu governante pelo voto direto, em quase 400 anos de história da cidade, porque o antigo Distrito Federal se transformou no Estado da Guanabara, hoje município do Rio de Janeiro. E o eleito foi Lacerda. Coincidência: muitos adversários de Lacerda, incluindo os correligionários que o detestavam, apostaram que, no Executivo, ele malograria, desmoralizando-se de vez como um mero destruidor, crítico contumaz, incapaz de construir. A despeito de várias questões controversas e relevantes, o governo Lacerda teve muitíssimos aspectos positivos, como até seus antagonistas viriam a reconhecer.

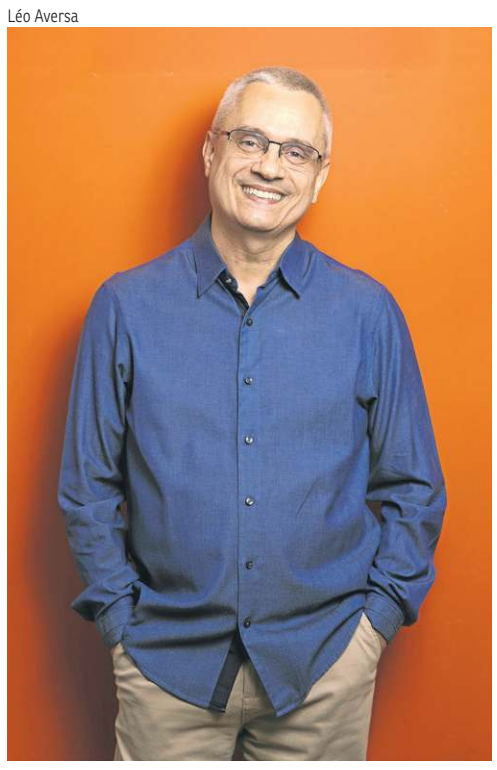
Como foi a relação de Lacerda com a ditadura militar? Afinal, ele era um golpista ou era um democrata?

Permito-me reproduzir trecho da segunda epígrafe de "Lacerda: Coração de tempestade", da lavra do jornalista Paulo Francis: "A carreira de Lacerda é contraditória: Houve tempos em que sugeriu a muita gente ser o apóstolo da democracia, outros em que parecia o precursor de ditaduras. Um historiador ou biógrafo honesto terá de pesar e medir escrupulosamente as oscilações de uma carreira tão intensa e variadamente dimensionada". Meu desafio foi esse, enunciado pelo Francis. Muitas vezes Lacerda foi democrata, e muitas vezes foi golpista, como descrevo em minúcias no livro. A propósito, um dos capítulos se intitula "O arauto do golpismo".

O que liga e o que separa Carlos Lacerda e Carlos Marighella, os dois personagens das duas biografias que você escreveu?

Carlos Marighella teve uma trajetória política linear: embicou à esquerda na juventude e por esse caminho seguiu até a morte. Carlos Lacerda, pelo contrário, variava frequentemente de orientação política. Ele dizia que, se pensava de um jeito, e alguém lhe oferecia argumento melhor, só se fosse burro não mudaria de opinião. Se isso é um sofisma, não me cabe julgar. Outra diferença é que Marighella tinha um espírito, digamos, mais solar. Lacerda, ao contrário, sofria com a depressão. Tentou dar cabo da própria vida aos vinte anos. Seus inimigos utilizariam esse momento dramático para atacá-lo. Encontrei registros da internação de Lacerda numa clínica psiquiátrica da Suíça, em 1974. A família na qual o menino Lacerda cresceu tinha ares de família de romance russo clássico. O que há de mais parecido entre os dois é a vida fascinante, que permite desenhar várias décadas do Brasil e do mundo. O elenco de coadjuvantes e figurantes é extraordinário nas duas biografias. Mantive em ambas a mesma atitude: narro as vidas, sem opinar. Não escrevo livros para fazer a cabeça de ninguém, e sim para reconstituir escrupulosamente a história. Outra semelhança eu descobri nestas semanas de divulgação da biografia de Carlos Lacerda. Em 2012, quando saiu meu livro sobre Carlos Marighella, houve muitos segmentos jornalísticos e intelectuais que calaram sobre o lançamento, por terem ojeriza ao protagonista da história. Agora, com sentido político oposto, acontece a mesma coisa com *Lacerda: Coração de tempestade*. Há pessoas que, em vez de debater o passado e aprender com ele, preferem condenar ao silêncio e ao esquecimento personagens com os quais não simpatizam. Esse comportamento, de tentar apagar Lacerda, é obscurantista.

Léo Aversa



Mário Magalhães: "É obscurantismo querer apagar a história de Carlos Lacerda"

PROGRAMAÇÃO DO PROJETO DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS

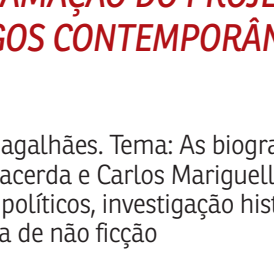
Hoje
- Mário Magalhães. Tema: As biografias de Carlos Lacerda e Carlos Mariguella como retratos políticos, investigação história e literatura de não ficção

25 de novembro, quarta-feira
- Ed. René Kivitz. Tema: Religiosidade, religião e estruturas sociais e políticas no Brasil

27 de novembro, sexta-feira
- Dandara Suburbana. Tema: Quem tem direito à palavra? Literatura, poder e redes sociais no Brasil contemporâneo

28 de novembro, sábado
- Pauliny Tort. Tema: Os imorais: dos primeiros encontros aos dias atuais
- Horário: 19h. Local: Espaço Cultural do Liberty Mall (Cine Cultura)

Reprodução



CORAÇÃO DE TEMPESTADE (1914-1955) - VOL. I.

De Mário Magalhães/Ed. Cia das Letras. 535 páginas